

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Outsiders na política: uma visão geral

Roberta Picussa, Adriano Codato

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4533>

Submetido em: 2022-08-04

Postado em: 2022-08-04 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Outsiders na política: uma visão geral

Outsiders in politics: an overview

Roberta Picussa¹ <https://orcid.org/0000-0002-5400-5136>

(Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Paraná, Brasil)

Adriano Codato <http://orcid.org/0000-0002-5015-4273>

(Departamento de Ciência Política, Universidade Federal do Paraná, Brasil)

Abstract

Introduction: What is a political outsider and what is the relevance of this phenomenon in the contemporary political scenario? While the political success of individuals who build their careers outside established parties is not a novel phenomenon, it has become increasingly widespread since the 2010s, both in Brazil and in Europe. **Materials and methods:** Through a review of the specialized Political Science literature on the subject, we sought to establish the baselines for a conceptual definition of the political outsider and address how the phenomenon has been empirically analyzed. **Results:** Conceptually speaking, two dimensions proved to be essential for identifying outsiders: party affiliation and professional occupation. The first verifies the individual's position in relation to the party system, whether they gained political prominence within or outside established parties, while the second identifies whether the individual had an occupation within the arena of institutional politics prior to running in an election. As for the empirical analyses of outsiders in politics, we found a lack of conceptual rigor in most of the reviewed studies when classifying certain political actors as outsiders. **Discussion:** Some conceptual and methodological challenges remain when striving to study the phenomenon, such as how to extend the concept to presidential candidates or to studies about outsiders in parliaments. Another issue is how to circumscribe the phenomenon among other correlated phenomena, such as the rise of populist leaders and/or parties and, above all, the electoral discourse of outsiders: while this is not an essential trait of the outsider, the anti-establishment rhetoric is almost invariably present through a denial of both traditional politics as well as career politicians.

keywords: outsiders; populism; political discourse; political parties; narrative review

Resumo

Introdução: O que é um outsider político e qual a relevância desse fenômeno no cenário político atual? O sucesso político daqueles que constroem suas carreiras fora dos partidos estabelecidos não é novo, mas tem se tornado mais presente na década de 2010, tanto no

¹ Corresponding Author: betapicussa@gmail.com

Assembleia Legislativa do Estado do Paraná.

Praça Nossa Senhora de Saete s/n

80530-911 - Curitiba, PR - Brasil

Brasil como na Europa. **Materiais e métodos:** Observando a literatura especializada de Ciência Política, buscou-se estabelecer as bases para a definição conceitual do político outsider e examinar como o fenômeno é tratado empiricamente. **Resultados:** Conceitualmente, duas dimensões demonstraram-se essenciais para a identificar outsiders: a partidária e a ocupacional. A primeira verifica a localização do indivíduo em relação ao sistema partidário, se ele ganhou proeminência política dentro ou fora dos partidos estabelecidos, e a segunda, se ele tinha uma ocupação na política institucional antes de lançar-se à disputa eleitoral. Quanto ao exame dos casos empíricos de outsiders na política, constatou-se que na maioria dos estudos observados não houve rigor conceitual ao classificar determinados atores políticos como outsiders. **Discussão:** Há ainda alguns desafios conceituais e metodológicos para estudar o fenômeno, por exemplo, como estender o conceito formulado para casos de candidatos a eleições presidenciais a estudos sobre outsiders nos parlamentos. Outra questão é como delimitar o fenômeno em meio a outros que lhe são correlatos, como a ascensão de líderes e/ou partidos populistas e, principalmente, o discurso eleitoral dos forasteiros: apesar de não ser uma característica essencial ao outsider, há quase invariavelmente uma retórica *anti-establishment* que representaria a negação tanto da política tradicional quanto dos políticos de carreira.

palavras-chave: outsiders; populismo; retórica política; partidos políticos; revisão de literatura

1. Introdução

Jair Bolsonaro foi eleito presidente da República do Brasil em 2018. Mesmo sendo um político que serviu na Câmara dos Deputados por sete mandatos consecutivos (ou 28 anos), apresentou-se como *outsider*, adotou em campanha um discurso *anti-establishment* e venceu as eleições por um partido pequeno e marginal ao sistema político nacional, o Partido Social Liberal.

O sucesso político de lideranças que constroem suas carreiras fora dos partidos estabelecidos não é novo, mas tem se tornado mais presente na década de 2010. Se nos anos 1990 países da América Latina viram muitos líderes de fora do *establishment* partidário chegarem ao cargo de Presidente, como Alberto Fujimori no Peru e Hugo Chávez na Venezuela, atualmente é possível observar esse fenômeno também na Europa e nos EUA.

Na França, Emmanuel Macron, ex-ministro da Fazenda do governo socialista de François Hollande, se elegeu presidente em 2017 por um partido recém-fundado por ele próprio, o *En Marche* (Mény, 2017). Beppe Grillo, ator e humorista, fundou em 2005 o movimento *Cinque Stelle*, que não se identifica como partido político tradicional, mas em 2013 elegeu 25% dos representantes, constituindo a estreia eleitoral de maior sucesso para um partido político não apenas na história italiana, mas na Europa do pós-guerra (Tronconi, 2018). Volodymyr Zelensky, um comediante, roteirista e diretor de TV foi eleito em 2019 na Ucrânia batendo outros 44 candidatos. Ele chegou à Presidência sem ter tido qualquer experiência política e sem carreira nos partidos tradicionais do país. Além do figurino do *outsider* clássico, Zelensky também era adepto do discurso típico contra o *establishment* político e a corrupção. Nos EUA, o empresário e apresentador de TV Donald Trump se elegeu ao cargo máximo do país em 2016, derrotando a candidata

do partido Democrata, Hillary Clinton, representante paradigmática do *establishment* político americano.

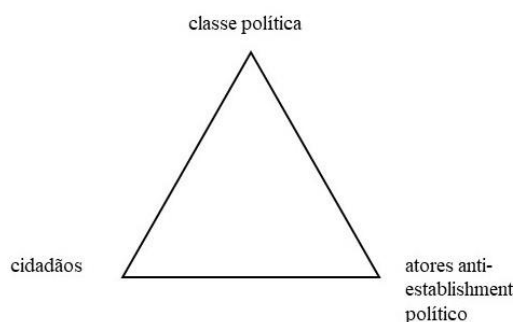
O que todos esses agentes políticos têm em comum? Com base em que se pode chamá-los de *outsiders*?

Alguns deles não tinham qualquer carreira política antes de se eleger, outros tinham alguma experiência, mas não tinham vínculos com os partidos tradicionais dos seus países. Esses *outsiders* ganham visibilidade pública pelo discurso que propagam, mas o fundamental é a sua distância em relação ao sistema tradicional de partidos (Barr, 2009). Um critério distintivo desses forasteiros ou intrusos seria o discurso crítico à classe política. Por isso, eles também são classificados como *anti-establishment* e/ou populistas e essa característica tende a ser até mais importante do que o fato desses atores serem (ou não) novatos na política (Carreras, 2012).

O discurso *anti-establishment* político é aquele direcionado especificamente à crítica da classe política (Schedler, 1996). É uma retórica mais precisa e mais focada do que a do populismo. Essa última implica com mais força o julgamento e a condenação de outras elites, principalmente a econômica. Historicamente, o populismo até pode admitir “elementos antipolíticos, mas a sua tônica principal tem sido anticapitalista, antioligáquica e anti-imperialista” (Schedler, 1996, p. 293).

Segundo Schedler (1996), a retórica *anti-establishment* político é construída como um triângulo, em que em cada vértice estão os agentes dessa gramática especial: a classe política tradicional, o povo e os atores contra o poder estabelecido.

Figura 1. O triângulo antipolítico



Fonte: Schedler, 1996, p. 294

Nessa lógica, o primeiro vértice representa os algozes do povo, o segundo as vítimas inocentes e o terceiro os heróis salvadores do povo. Esses últimos pretendam atuar ou já atuam na esfera política enquanto criticam a classe política instituída e, através do discurso, se posicionam como *outsiders*, ou seja, como atores que não pertencem à classe no governo. Mais adiante veremos como essas dimensões – palavrório radical, oposição ao status quo – interagem, se confundem e se distinguem na literatura de ciência política.

Este capítulo resume o estado da arte sobre a noção de *outsider*. O próprio conceito de *outsiders* não é consensual na área, o que impõe um desafio extra ao se tentar analisar a multiplicidade de manifestações empíricas desse fenômeno. O texto está dividido em

duas seções. Na primeira, apresentamos e explicamos três modelos analíticos para definir o termo e distingui-lo de noções correlatas tais como políticos antissistema, líderes populistas, dissidentes etc. Na segunda seção, organizamos uma grande literatura que pesquisou esse fenômeno fornecendo um mapa abrangente da produção contemporânea. A finalidade do capítulo é essencialmente circunscrever e informar o estado da pesquisa na área e não analisar casos concretos.

2. Definições conceituais, modelos analíticos e tipológicos

O que é um *outsider* político e qual a relevância desse fenômeno para o cenário político atual? Antes de se explorar empiricamente esse fenômeno², é preciso situar o significado da palavra *outsider* na literatura especializada.

As principais referências que tratam dos *outsiders* na arena política (Barr, 2009; Carreras, 2012; Kenney, 1998), investigaram o seu sucesso em disputas presidenciais. Esses estudos se destacam por propor uma definição adequada de *outsiders* e identificar os diferentes tipos possíveis.

Os *outsiders* são muitas vezes caracterizados como “populistas” ou *anti-establishment*. Kenney (1998) percebeu a necessidade de se destacar a relação dos atores políticos com os sistemas partidários. Assim, se poderia classificá-los (i) como *outsiders* (de fora) ou *insiders* (de dentro), dependendo das suas origens em relação ao sistema de partidos estabelecidos; e (ii) como antipartidos ou tolerantes a partidos, dependendo de seu discurso sobre sistema partidário.

Dessa forma, *outsiders* seriam os líderes que ganharam proeminência política *fora* do sistema partidário, enquanto os *insiders* seriam aqueles que ganharam proeminência *através* do sistema partidário, mesmo no caso daqueles que posteriormente romperam com seus partidos de origem e criaram outras agremiações. Em relação ao discurso, Kenney (1998) considera como antipartidos os líderes que rejeitam os partidos e a política partidária, e como tolerantes a partidos aqueles que reconhecem que eles são organizações essenciais à política democrática. A partir desses critérios, Kenney identificou quatro tipos: (i) *outsider* e antipartidos; (ii) *outsider* e tolerante a partidos; (iii) *insider* e antipartidos; e (iv) *insider* e tolerante a partidos.

O Quadro 1 sintetiza o modelo e traz exemplos ilustrativos da política latino-americana.

² O fenômeno da eleição de presidentes *outsiders* ou rebeldes (“*mavericks*”, na definição de BARR, 2009) em relação ao sistema político já foi explorado em uma série de estudos na década passada. Ver, entre outros, (Levitsky & Ziblatt, 2018; Norris & Inglehart, 2018).

Quadro 1. Tipos de presidentes e candidatos a presidente da América Latina

<i>Discurso em relação ao sistema partidário</i>	<i>Origem em relação ao sistema partidário</i>	
	<i>Outsider</i>	<i>Insider</i>
<i>Antipartido</i>	Fujimori (Peru)	Collor de Mello (Brasil)
<i>Tolerante da partidos</i>	Vargas Llosa (Peru)	Caldera (Venezuela)
		Cárdenas (México)
		Lula (Brasil)
		Menem (Argentina)

Fonte: A partir de Kenney, 1998, p. 60.

Diante da indiferenciação conceitual entre três fenômenos que costumeiramente são sobrepostos ou tratados nos estudos políticos de forma equivalente (discursos *anti-establishment* político, *outsiders* e líderes populistas), Barr (2009), propôs um critério para diferenciar esses fenômenos baseado em três dimensões analíticas: (i) a natureza dos *apelos* utilizados pelos atores para construir apoios políticos; (ii) a *localização* desses atores em relação ao sistema partidário; e (iii) os *vínculos* postulados entre cidadãos e lideranças políticas.

Assim, se um político tradicional (*insider*) é aquele que ganha proeminência dentro dos partidos estabelecidos e competitivos, e que ajuda a manter o sistema político, o *outsider*, por sua vez, é alguém que ganha relevância ou notoriedade fora desses partidos como político independente ou em associação com dois tipos de organizações: (i) ou com partidos novos, criados pelo e para o líder político; (ii) ou com partidos antigos, mas que se tornaram competitivos recentemente (Barr, 2009, p. 33). Por isso, partidos pequenos e não-competitivos, mesmo que formados há mais tempo, não deveriam ser considerados parte do sistema partidário estabelecido. Como sugeriu Schedler, “Pequenez e marginalidade podem servir como equivalentes funcionais da novidade” (1996, p. 299). Por outro lado, “Os partidos marginais são *outsiders* não com base em sua data de origem, mas porque não estão entre os partidos ‘efetivos’ da Nação – *outsiders* de fato. Por exemplo, o Partido Libertário nos Estados Unidos tem mais de 30 anos, mas não pode ser considerado parte do sistema bipartidário do país” (Barr, 2009, p. 33).

Uma complicação derivada da classificação dual ‘*insider*’ versus ‘*outsider*’ diz respeito a políticos com origem nos partidos tradicionais, mas que abandonam a antiga legenda para formar uma nova. Para compreender esse comportamento, Barr propõe uma categoria intermediária, reconhecendo como dissidente ou “rebelde” (*maverick*) aquele político que nasce e cresce em um partido convencional, mas o deixa para se filiar ou fundar outro partido e concorrer às eleições por ele (há ainda a figura daquele que não sai do próprio partido, mas faz uma reestruturação radical na sua estrutura e programa)³.

³ Os exemplos de Barr (2009) aqui seriam Menem na Argentina, que transformou o Partido Peronista, e Raphael Caldera na Venezuela e Cuauhtémoc Cárdenas no México, que criaram os seus próprios partidos

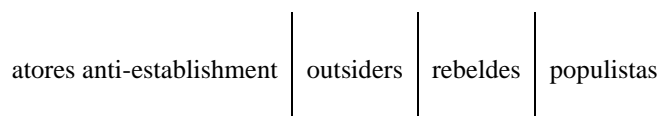
A distinção entre o *outsider* e o *maverick* reside exclusivamente na sua localização em relação ao sistema de partidos. Não tem, portanto, relação com o tipo de discurso usado pelo candidato e nem com as características de sua base eleitoral. É comum, no entanto, que *outsiders* e *mavericks* usem como apelo político-eleitoral o discurso *anti-establishment* (dá um tipo político ser assimilado ao outro). Para Barr, a política *anti-establishment* é aquela que, para conquistar eleitores, utiliza o discurso de que a elite política não representa verdadeiramente os interesses do “povo” e seus novos porta-vozes se colocam como a melhor alternativa para representá-lo. No entanto, o uso desse tipo de arenga não depende da posição do ator no sistema partidário: embora ele tenha mais apelo quando é proferido por alguém que está fora da classe política tradicional (*outsider*), ou que demonstra que rompeu com ela (*maverick*), ele também pode ser utilizado por atores de dentro do sistema político que conseguem convencer seu eleitorado de que, afinal, eles não fazem parte do pequeno círculo da elite no poder.

O populismo, por sua vez, é um fenômeno que abrange, congrega e organiza de forma particular os elementos definidores acima: apelos, localização e vínculos. Trata-se de “um movimento de massa liderado por um *outsider* ou um *maverick* que busca ganhar ou manter o poder usando apelos *anti-establishment* e vínculos plebiscitários” (Barr, 2009, p. 38). A característica fundamental desse tipo reside no tipo específico de vínculo – plebiscitário – que o líder populista estabelece com o “seu” eleitorado, baseado em ligação direta, isto é, sem intermediários institucionais, como os partidos e o parlamento.

Apesar dos populistas serem frequentemente *outsiders* com discurso *anti-establishment*, o político *outsider*, o político *anti-establishment* e o líder populista existem separadamente e esses três fenômenos não podem ser tratados como sinônimos. O que eles têm em comum é o que está na base desses fenômenos: “o descontentamento público com a política e suas manifestações” (Barr, 2009, p. 30).

O modelo de Barr (2009) comporta, em resumo, quatro atores políticos diferentes:

Figura 2. Atores que expressam o descontentamento público com a política



Fonte: A partir de Barr, 2009

Carreras (2012) montou sua tipologia baseado (i) nas origens partidárias e (ii) na experiência política prévia dos atores políticos a fim de compor uma classificação gradual do quão “fora” do sistema político cada tipo de *outsider* está.

Essa tipologia admite três tipos de *outsiders*. O Quadro 2 resume o modelo:

(Convergência Nacional e Partido da Revolução Democrática, respectivamente. A “a ideia é captar a diferença entre um ator político que mantém o status quo e aquele que o altera” (p. 34).

Quadro 2. Tipologia de candidatos presidenciais na América Latina

Experiência política	Relação com o sistema partidário	
	partidos tradicionais	partidos novos
carreira prévia	insiders	rebeldes (<i>mavericks</i>)
novato	amadores	completamente outsiders (<i>full outsiders</i>)

Fonte: Carreras, 2012.

Assim, (i) “*amadores*” são atores com pouca ou nenhuma experiência política prévia que competem eleitoralmente por partidos tradicionais; (ii) “*rebeldes*” são políticos que já pertenceram a partidos estabelecidos, mas que agora concorrem eleitoralmente por legendas novas no sistema de partidos; por fim, o tipo (iii) “*completamente outsider*” é composto por indivíduos sem carreira política prévia e que disputam eleições por um partido novo. Nesse modelo, o (iv) “*insider*” é o político tradicional: ele já acumula vivência na política e faz parte de um partido consolidado.

A partir dessa tipologia, Carreras estudou o impacto do desenho institucional para determinar o sucesso de políticos *outsiders* nas eleições presidenciais na América Latina. Ele conseguiu demonstrar que políticos *outsiders* tem mais probabilidade de surgir em sistemas onde: (i) as eleições presidenciais e legislativas não ocorrem simultaneamente; (ii) o voto é obrigatório; e (iii) em países que não há reeleição ao cargo de presidente. Junto a esses fatores, Carreras destacou outras condições não relacionadas ao desenho institucional e que são relevantes para o sucesso de *outsiders*, tais como o aumento da inflação e da pobreza e motivos relacionados à legitimidade do sistema político, como a percepção de corrupção.

Um dos casos mais emblemáticos da ascensão de um *outsider* à presidência foi o de Alberto Fujimori no Peru. É o exemplo mais mencionado nos estudos sobre este fenômeno, pois Fujimori é um dos poucos que podem ser considerados um *full outsider* de acordo com a tipologia de Carreras (2012). Antes de se eleger, Fujimori não tinha experiência política, era reitor de uma universidade, não pertencia a qualquer partido político. Ao contrário, liderou um movimento pela renovação política no Peru, o *Cambio 90*, que acabou se tornando um novo partido⁴.

Há pouco cuidado metodológico ao usar o termo para outras lideranças classificadas como *outsiders* nos estudos de ciência política. Fernando Collor, por exemplo, é considerado um *outsider* em vários estudos (Carreras, 2012; Doyle, 2011; Mainwaring & Shugart, 1997) Collor, no entanto, foi um político com larga experiência, tendo ocupado cargos de prefeito, deputado federal e governador de Alagoas antes de concorrer à eleição de Presidente. Por outro lado, Collor era um azarão na disputa presidencial em 1989 no Brasil, pois não era visto como uma liderança política forte ou

⁴ O governo Fujimori provocou inclusive a uma ruptura com o sistema político, considerando que ele não se dispunha a negociar com o Congresso Nacional, e que formou um gabinete ministerial com muitos ministros técnicos e *outsiders* políticos. Fujimori terminou por dissolver o Legislativo e convocou uma Assembleia Constituinte se fixando no comando do país por dez anos (Carreras, 2013).

consolidada. Ele deixou o tradicional PMDB e fundou o seu próprio partido, o Partido da Renovação Nacional (PRN), para disputar a eleição. Nessa perspectiva, Collor foi um “rebelde”, um político estabelecido que rompeu com um partido tradicional para concorrer por um novo partido.

3. Outsiders na política como fenômeno empírico

Esta seção resume uma série de estudos empíricos publicados principalmente na última década sobre diferentes *outsiders* políticos. Na maioria das pesquisas não há uma preocupação em isolar as características distintivas e definir claramente o que seria um *outsider* ao mundo político. Em geral, esses artigos atribuem aos líderes o *status* de forasteiros ou intrusos, descrevendo sua retórica *anti-establishment* e sua habilidade para organizar novos movimentos ou siglas partidárias que explicitamente se contrapõem aos partidos políticos tradicionais (e que são bem-sucedidas nas eleições).

O Quadro 3 sintetiza atores/movimentos políticos/partidos *outsiders* analisados pela literatura de ciência política e como esses agentes foram descritos empiricamente, mesmo quando não há um esforço sistemático para caracterizá-los conceitualmente.

A literatura focaliza dois elementos distintos nas análises: os partidos (e em menor medida os movimentos) que servem de veículo aos *outsiders* ou os próprios *newcomers*.

No caso dos partidos políticos, a ênfase é nos partidos novos, recém-fundados, ou ainda naqueles antigos, mas que se tornaram competitivos recentemente. Há também aquelas siglas que não são (ou eram) relevantes, no sentido de que não são partidos competitivos eleitoralmente ou essenciais para formar uma coalizão de governo.

No caso dos indivíduos, duas dimensões precisam ser consideradas:

- (i) a *dimensão partidária*: a dimensão mais utilizada na conceituação de *outsiders* é a origem do indivíduo em relação ao sistema partidário. Como já destacamos, Barr (2009) argumenta que um indivíduo que ganhou proeminência fora do sistema de partidos estabelecidos ou através de um partido novo ou marginal a esse sistema pode sim ser considerado um *outsider*;

Essa diferenciação num sistema bipartidário como dos EUA pode ser visualizada mais facilmente, mas num sistema multipartidário como o do Brasil dependeria muito da visão do observador em relação ao partido considerado.

- (ii) a *dimensão ocupacional*: a experiência prévia do indivíduo fora da política complica a tarefa para a definição de *outsiders*, pois precisamos nos questionar o que pode ser considerada uma atividade política *stricto sensu*? Ser ministro, secretário de governo, ou chefe e assessor de gabinete parece serem atividades políticas óbvias. No entanto, quando consideramos toda a administração pública, o posto de direção de uma autarquia de economia mista, de chefia de departamento de uma agência pública, ou a presidência de uma associação profissional podem ser consideradas como atividades políticas? O mesmo valeria para atividades em sindicatos, movimentos sociais e estudantis?

Quadro 3. Forças políticas de fora ou antissistema analisadas pela literatura de ciência política

Referência	Atores/movimentos políticos/partidos <i>outsiders</i>	Como foram caracterizados pelo(s) autor(es)
(Donovan, 1995)	Lega Nord e Forza Italia	Movimentos ou partidos que se formaram rapidamente e pouco tempo antes das reformas eleitorais de 1993 e conseguiram conquistar um número significativo de cadeiras nas eleições seguintes.
(Kenney, 1998)	Deputados peruanos eleitos em 1990 por Nueva Mayorla/Cambio 90 e Unión por el Perú	Legisladores que nunca pertenceram a qualquer partido político que integrasse o sistema partidário peruano entre 1978 e 1990.
(Wilpert, 2007)	Hugo Chávez	Candidato com discurso populista, eleito por um partido novo (MQR), marginal ao sistema político tradicional, em um contexto de profunda crise econômica, social e política.
(Corrales, 2008)	Vargas Llosa e Fujimori em 1990, Toledo em 2000 e Humala em 2006 (Peru); Chávez em 1998 (Venezuela); Carrió em 2001 (Argentina); Elhers em 1996, Gutiérrez em 2002 e Correa em 2006 (Equador); Morales em 2002 (Bolívia) etc.	Candidatos novatos à presidência que conquistaram mais de 10% dos votos.
(Barr, 2009)	Partido Libertário	Partido político que embora seja antigo não pode ser considerado parte do sistema (bi)partidário dos Estados Unidos.
(Doyle, 2011)	Candidatos populistas em eleições presidenciais em 18 países da América Latina entre 1996 e 2008 (Evo Morales, Álvaro Uribe, Rafael Correa, López Obrador, Fernando Lugo, Lino Oviedo, Ollanta Humala, Hugo Chávez etc.).	Líderes políticos populistas que se elegendem por partidos novos ou pequenos utilizando o discurso antielite e antissistema.
(Carreras, 2012)	35 candidatos à Presidência na América Latina considerados “full outsiders” que concorreram por 14 países diferentes entre 1980 e 2010	Candidatos à presidência sem experiência política prévia e que tenham vindo de fora do sistema partidário estabelecido.
(van Kessel, 2013)	List Pim Fortuyn e Freedom Party (Holanda); Civic Platform, Law and Justice, Self-Defense e League of the Polish Families (Polónia); UK Independence Party e British National Party (Reino Unido)	Partidos políticos que se formaram nos anos 1990-2000 com forte discurso populista, e que obtiveram sucessos eleitorais rápidos, com exceção dos partidos do Reino Unido.
(Silva, 2013)	Evo Morales	Candidato eleito por um novo partido (MAS-IPSP) de mobilização de massas em um contexto de colapso do sistema partidário estabelecido da Bolívia.
(Carreras, 2013)	Alberto Fujimori	Candidato sem experiência política, concorrendo por um partido novo (Cambio 90), que se elegeu em meio à profunda crise econômica e sociopolítica.
(Fella & Ruzza, 2013)	Lega Nord, Forza Italia, Popolo della Libertà, Futuro e Libertà per l'Italia, Cinque Stelle	Diversos movimentos políticos que se tornaram novos partidos e obtiveram sucesso nas eleições nacionais e locais da Itália. Todos populistas e anti-establishment, embora tenham conteúdos ideológicos diferentes.
(Hartleb, 2015)	Syriza (Grécia); Podemos (Espanha); Movimento Cinque Stelle (Itália); Progress Party; Finns Party (Finlândia); Front National (França); Dutch Party for Freedom (Holanda); Fremskrittspartiet (Noruega); Swiss People's Party (Suíça); Freedom Party of Austria (Austria); Ordinary People and Independent	Novos partidos surgidos na Europa a partir dos anos 1990, com forte apelo crítico aos partidos tradicionais, à classe política, às decisões da União Europeia etc.; partidos radicais de direita ou de esquerda; partidos populistas; partidos de protesto.

	Personalitie (Eslováquia); UKIP (Reino Unido); Palikot's Movement (Polônia).	
(Edward Aspinall, 2015)	Prabowo Subianto	Um candidato à eleição presidencial, general militar com fortes ligações com a elite política e econômica do país, com forte apelo populista, sem experiência eleitoral, e que fundou seu próprio partido para concorrer, o Partai Gerindra (Great Indonesia Movement Party).
(Rodríguez Andrés, 2016)	escritores, artistas, apresentadores de tv, advogados, juizes, militares, atletas, atores, cantores, militantes economistas e outros profissionais que ocuparam cargos políticos	Indivíduos com carreiras em outra área profissional que assumiram cargos políticos eletivos e da alta administração.
(Mény, 2017)	Emmanuel Macron	Candidato sem experiência eleitoral que ganhou a disputa presidencial na França em 2017 concorrendo por um partido novo (En Marche), com discurso populista.
(Luke, 2017)	Donald Trump	Líder nacionalista-populista, com tendência autoritárias e plutocráticas, que chegou ao poder criticando as elites políticas e os especialistas dos altos escalões governamentais.
(Kellner, 2017)	Donald Trump	Um líder populista, nacionalista, anti-establishment, que se apresentou como outsider e desprezava seu próprio partido (o Partido Republicano) e as tradições dele.
(Donatello & Levita, 2017)	Parte dos deputados nacionais das Câmaras Baixas dos países do Mercosul que serviram entre 2003 e 2005	Aqueles atores que iniciaram a carreira fora dos partidos políticos e que, ao mesmo tempo, exerciam funções fora da política como principal atividade profissional antes de assumirem a sua cadeira no Legislativo nacional.
(Tronconi, 2018)	MoVimento Cinque Stelle	Um movimento político anti-establishment, organizado na internet através de um blog e de fóruns online, que em menos de dez anos cresceu a ponto de eleger candidatos em nível municipal, nacional e europeu. Mesmo tendo mais de 100 membros no parlamento italiano, e comandar diversas prefeituras, o movimento não se reconhece como partido e seus representantes são constrangidos a continuar agindo como atores anti-establishment.
(Muravchik & Shields, 2019)	Donald Trump	Um líder <i>outsider</i> e anti-establishment, descarado e nepotista, com uma visão “velha” da política centrada na figura do chefe político, semelhante à compreensão política de comunidades dos EUA vinculadas às origens do Partido Democrata.
(Perottino & Guasti, 2020)	Emmanuel Macron	Um líder moderado, sem experiência eleitoral, populista e tecnocrático, desafiante das elites políticas estabelecidas, e que para chegar ao poder fundou um movimento político que se tornou um novo partido, o Le Republique en Marche.
(Moon, 2020)	Donald Trump e Jesse Ventura	Atores políticos provindos do universo do entretenimento, que transportaram seu estilo “rude e falastrão” dessa esfera para a esfera política e incorporaram o discurso anti-establishment.
(Ortiz de Rozas et al., 2020)	Deputados ou senadores sem nenhuma experiência política anterior	Nenhum exemplo foi citado. Parlamentares eleitos em nível nacional que já tinham sido eleitos em outros níveis de governo foram definidos como contraexemplos de <i>outsider</i> .
(Fergusson et al., 2021)	Partidos de esquerda em eleições municipais	Grupos políticos de esquerda que tradicionalmente foram excluídos da participação político-eleitoral, em um país dominado por elites nacionais da direita, dos partidos Conservador e Liberal.
(Ceron et al., 2021)	Luigi Di Maio (M5S, Itália), Pablo Iglesias (Podemos, Espanha), Matteo Salvini (Lega Nord, Itália), Heinz-Christian Strache (FPÖ, Áustria)	Não os caracteriza como <i>outsiders</i> , mas como líderes políticos populistas e anti-establishment.

Fonte: os autores

A análise de Donatello e Levita (2017) é bastante promissora em termos analíticos e abrange as duas principais dimensões definidoras do quão de fora um indivíduo está do sistema político, a partidária e a ocupacional.

Analisando as características sociológicas dos deputados nacionais dos países do Mercosul, Donatello e Levita consideraram *outsiders* aqueles indivíduos que iniciaram uma carreira fora dos partidos políticos e que, ao mesmo tempo, exerciam funções fora do universo político, isto é, a política não era a atividade profissional antes de assumirem suas cadeiras no Parlamento.

Assim, para ser considerado um *outsider* de fato o deputado não podia ter iniciado sua trajetória política nem em uma organização política, nem em uma organização estudantil. Além disso, sua atividade principal exercida antes de assumir o cargo legislativo não poderia ser nem na política eleitoral e nem na administração pública. Disso resulta que não é adequado classificar como *outsiders* os indivíduos que se elegeram pela primeira vez a um cargo político, pois sem saber a atividade predominante desempenhada por um aspirante político antes da sua candidatura não é possível saber ao certo se ele é realmente um *outsider*.

Considerações finais

A maior parte dos estudos resumidos no Quadro 3 são estudos de caso que têm como tema principal um líder específico que disputou eleições presidenciais.

Além disso, o fenômeno dos *outsiders* é tratado em conjunto com outros temas correlatos, em especial a ascensão de líderes e/ou partidos populistas e a associação desses líderes a (novos) movimentos sociais, cívicos ou políticos. Uma dimensão importante do fenômeno é o discurso eleitoral dos forasteiros: há quase invariavelmente uma retórica *anti-establishment* que representaria a negação tanto da política tradicional quanto dos políticos de carreira.

A maioria dos líderes *outsiders* chegam ao poder impulsionados por movimentos políticos que se tornam assim novos partidos eleitorais. O sucesso desses partidos nas eleições para os Executivos tende a trazerem consigo novatos para os Legislativos nacionais e para as agências de governo. Mas a vitória de *outsiders* nos parlamentos não tem sido sistematicamente abordada, em especial na América Latina, o que abre uma promissora agenda de pesquisa.

Funding

Productivity in Research PQ/CNPq Scholarships (314909/2021-4)

Project: 'The political class in comparative perspective: political professionalization in Argentina, Brazil, Chile'

Conflict-of-interest statement

The authors have no conflicts of interest to declare. All co-authors have seen and agree with the contents of the manuscript and there is no financial interest to report.

Author Contributions

Roberta Picussa: substantial contribution in the concept and design of the study; contribution to data collection; contribution to data analysis and interpretation; contribution to manuscript preparation.

Adriano Codato: substantial contribution in the concept and design of the study; contribution to critical revision, adding intellectual content.

Roberta Picussa é Doutoranda em Ciência Política na Universidade Federal do Paraná (2020) e Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Paraná (2013). Especialista em Direito Administrativo e Administração Pública pela Universidade Positivo (2018). É coordenadora discente do Laboratório de Práticas Legislativas (LPLegis) e Integra o Observatório de Elites Políticas e Sociais do Brasil da UFPR. É membra do Instituto de Direito Parlamentar Brasileiro (PARLA), e do Observatório da Violência Política contra a Mulher vinculado à Transparência Eleitoral Brasil. Atua desde 2011 como assessora parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná e atualmente é Coordenadora Pedagógica da Escola do Legislativo da Instituição e Editora-chefe da *Revista do Legislativo Paranaense*.

Adriano Codato é professor de Ciência Política na Universidade Federal do Paraná, coordenador do Observatório de Elites Políticas e Sociais do Brasil da UFPR, Editor-chefe da *Revista de Sociologia e Política* e pesquisador do CNPq.

Referências

- Barr, R. R. (2009). Populists, Outsiders and Anti-Establishment Politics. *Party Politics*, 15(1), 29–48. <https://doi.org/10.1177/1354068808097890>
- Carreras, M. (2012). The Rise of Outsiders in Latin America, 1980-2010: An Institutionalist Perspective. *Comparative Political Studies*, 45(12), 1451–1482. <https://doi.org/10.1177/0010414012445753>
- Carreras, M. (2013). Presidentes outsiders y ministros neófitos: un análisis a través del ejemplo de Fujimori. *América Latina Hoy*, 64, 95–118. <https://doi.org/10.14201/alh.10244>
- Ceron, A., Gandini, A., & Lodetti, P. (2021). Still ‘fire in the (full) belly’? Anti-establishment rhetoric before and after government participation. *Information Communication and Society*, 24(10), 1460–1476. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2020.1776373>
- Corrales, J. (2008). Latin America’s Neocaudillismo: Ex-Presidents and Newcomers Running for President ... and Winning. *Latin American Politics and Society*, 50(3), 1–35. <https://doi.org/10.1111/j.1548-2456.2008.00020.x>
- Donatello, L. M., & Levita, G. (2017). ¿Renovación de las elites o renovación de las élites políticas? Los diputados outsiders en los países del Mercosur (2003-2015). *RIPS: Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas*, 16(2), 45–64. <https://doi.org/10.15304/rips.16.2.4146>

- Donovan, M. (1995). The Politics of Electoral Reform in Italy. *International Political Science Review*, 16(1), 47–64. <https://doi.org/10.1177/019251219501600104>
- Doyle, D. (2011). The Legitimacy of Political Institutions: Explaining Contemporary Populism in Latin America. *Comparative Political Studies*, 44(11), 1447–1473. <https://doi.org/10.1177/0010414011407469>
- Edward Aspinall. (2015). Oligarchic Populism: Prabowo Subianto’s Challenge to Indonesian Democracy. *Indonesia*, 99, 1. <https://doi.org/10.5728/indonesia.99.0001>
- Fella, S., & Ruzza, C. (2013). Populism and the Fall of the Centre-Right in Italy: The End of the Berlusconi Model or a New Beginning? *Journal of Contemporary European Studies*, 21(1), 38–52. <https://doi.org/10.1080/14782804.2013.766475>
- Fergusson, L., Querubin, P., Ruiz, N. A., & Vargas, J. F. (2021). The Real Winner’s Curse. *American Journal of Political Science*, 65(1), 52–68. <https://doi.org/10.1111/ajps.12508>
- Hartleb, F. (2015). Here to Stay: Anti-establishment Parties in Europe. *European View*, 14(1), 39–49. <https://doi.org/10.1007/s12290-015-0348-4>
- Kellner, D. (2017). Brexit Plus, Whitelash, and the Ascendancy of Donald J. Trump. *Cultural Politics*, 13(2), 135–149. <https://doi.org/10.1215/17432197-4129089>
- Kenney, C. D. (1998). Outsider and Anti-Party Politicians in Power: New Conceptual Strategies and Empirical Evidence from Peru. *Party Politics*, 4(1), 57–75. <https://doi.org/10.1177/1354068898004001003>
- Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2018). Como as democracias morrem. In *Como as democracias morrem*. Zahar Editores.
- Luke, T. W. (2017). What must be done: Sustaining new political science after America’s decades of decline. *New Political Science*, 39(4), 487–510. <https://doi.org/10.1080/07393148.2017.1380281>
- Mainwaring, S., & Shugart, M. S. (1997). Juan Linz, Presidentialism, and Democracy: A Critical Appraisal. *Comparative Politics*, 29(4), 449. <https://doi.org/10.2307/422014>
- Mény, Y. (2017). A tale of party primaries and outsider candidates: The 2017 French presidential election. *French Politics*, 15(3), 265–278. <https://doi.org/10.1057/s41253-017-0038-5>
- Moon, D. S. (2020). The role of cultural production in celebrity politics: Comparing the campaigns of Jesse ‘The Body’ Ventura (1999) and Donald Trump (2016). *Politics*, 40(2), 139–153. <https://doi.org/10.1177/0263395719862446>
- Muravchik, S., & Shields, J. A. (2019). Trump: New Populist or Old Democrat? *Critical Review*, 31(3–4), 405–419. <https://doi.org/10.1080/08913811.2019.1713628>
- Norris, P., & Inglehart, R. (2018). *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and the Rise of Authoritarian Populism*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108595841>
- Ortiz de Rozas, V., Levita, G., & Rodrigo, C. (2020). Ni ceo ni outsiders. cambios y continuidades en el congreso argentino en 2015. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, 29(2), 115–138. <https://doi.org/10.26851/RUCP.29.2.5>
- Perottino, M., & Guasti, P. (2020). Technocratic Populism à la Française? The Roots and Mechanisms of Emmanuel Macron’s Success. *Politics and Governance*, 8(4), 545–

555. <https://doi.org/10.17645/pag.v8i4.3412>

- Rodríguez Andrés, R. (2016). El ascenso de los candidatos outsiders como consecuencia de las nuevas formas de Comunicación Política y la desafección ciudadana. *Comunicación y Hombre*, 12, 73–95. <https://doi.org/10.32466/eufv-cyh.2016.12.191.73-95>
- Schedler, A. (1996). Anti-Political-Establishment Parties. *Party Politics*, 2(3), 291–312. <https://doi.org/10.1177/1354068896002003001>
- Silva, E. (2013). Social movements, policy, and conflict in post-neoliberal latin america: Bolivia in the time of Evo Morales. *Research in Political Sociology*, 21, 51–76. [https://doi.org/10.1108/S0895-9935\(2013\)0000021005](https://doi.org/10.1108/S0895-9935(2013)0000021005)
- Tronconi, F. (2018). The Italian Five Star Movement during the Crisis: Towards Normalisation? *South European Society and Politics*, 23(1), 163–180. <https://doi.org/10.1080/13608746.2018.1428889>
- van Kessel, S. (2013). A Matter of Supply and Demand: The Electoral Performance of Populist Parties in Three European Countries. *Government and Opposition*, 48(2), 175–199. <https://doi.org/10.1017/gov.2012.14>
- Wilpert, G. (2007). Chavez’s Venezuela and 21st Century Socialism. In P. Zarembka (Ed.), *Transitions in Latin America and in Poland and Syria* (pp. 3–42). Emerald Group Publishing Limited. [https://doi.org/10.1016/S0161-7230\(07\)24001-5](https://doi.org/10.1016/S0161-7230(07)24001-5)

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.